



CARACTERÍSTICAS DA CHAMADA "NOVA DIRETA" NOS EUA. REFLEXOS SOBRE O BRASIL

Marco Antonio Felício da Silva

Com notável objetividade o Cel Marco Antônio Felício da Silva focaliza, neste artigo, um tema de interesse para a compreensão do pensamento econômico e político nos dias correntes, envolvendo, segundo ele, as posições de nosso País junto aos Estados Unidos.

INTRODUÇÃO

Com a intervenção crescente do Estado em todos os setores de atividades humanas, nem sempre com o sucesso esperado, vem surgindo, no seio das sociedades, a percepção dos perigos resultantes dos supergovernos e da ameaça que representa a concentração de poder nas mãos da burocracia, para a liberdade dos indivíduos.

Esta percepção já se concretiza através da tendência da opinião pública, em muitos países, e principalmente nos mais desenvolvidos,

em opor-se às idéias socialistas e às do liberalismo do *new deal*, as quais vêm predominando no cenário internacional nos últimos cinqüenta anos.

Atualmente, poucos discordam de que os países capitalistas avançados estejam em crise. Apesar dos diagnósticos diferirem — crise das instituições, crise de legitimidade, crise cultural, crise de autoridade, crise do *welfare state* — todos são unânimes em apontar uma característica negativa comum: a ausência de correspondência, nas sociedades capitalistas adiantadas, entre suas atuais estru-

turas políticas e as sócio-econômicas. E esta inadequação é resultado do excesso de demandas que o Estado não pode absorver sem criar inflação e sem pôr em perigo o caráter lucrativo das empresas capitalistas. Os anos recentes de recessão mundial agravaram e confirmaram a inadequação acima citada.

De uma forma mais genérica, podemos dizer que a crise dos regimes democráticos modernos é, primordialmente, causada pela disparidade entre ideologia e potencialidades institucionais. A ideologia gera uma perspectiva de abundância e de realização imediata; ela motiva o homem na busca de uma situação na qual a igualdade e a distribuição eqüitativa de oportunidades e de benefícios são imperativos morais. Entretanto, as instituições respondem com lentidão, dando margem a crises e a conseqüente instabilidade.

É extremamente difícil atender a todas as crescentes reivindicações, não só porque os recursos são escassos, mas também porque há necessidade de modificação das estruturas de modo a satisfazê-las.

Nos EUA, correntes do pensamento americano apontam como fundamento básico da crise por que passa a democracia liberal o seu caráter ideológico contraditório ao tentar articular dois princípios opostos: o liberalismo econômico, onde pontifica o sistema de livre mercado, com todas as suas implicações, e a democracia, que combina o princípio da igual-

dade social com o da participação política.

Segundo Alan Wolfe, em seu livro *The Limits of Legitimacy*, "o problema da democracia liberal é que o liberalismo nega a lógica da democracia e a democracia nega a lógica do liberalismo e, sem dúvida, um não pode existir sem o outro".

A partir dos anos 70, como expressão de uma reação política e cultural aos movimentos sociais e políticos neoliberais dos anos 60, e apresentando-se como solução para a crise da democracia liberal, expandiu-se nos EUA o pensamento conservador, dando origem a um movimento que, congregando correntes diferentes, conseguiu galgar o poder através da eleição de Ronald Reagan.

Este movimento conservador, como um todo, tem sido por vezes denominado, erroneamente, de "neoconservadorismo" ou "nova direita", quando, em realidade, estes termos dão nomes a correntes com características próprias e componentes de tal movimento.

Cumprê ressaltar, ainda, que a corrente citada como "neoconservadora" não se identifica com o "neoconservadorismo", surgido imediatamente após o *new deal* e que traduz uma aceitação dos conceitos inerentes ao liberalismo tradicional do século XIX.

Tal corrente "neoconservadora", que chamaremos também de "histórica", com expressão a partir de 1970, tem seus fundamentos básicos no conservadorismo de Edmund Burke, formulado na parte final do século XVIII.

O nosso trabalho enfocará a chamada "nova direita", contrária ao "Estado benfeitor", com retórica religiosa e moralista e, ideologicamente, produto de uma fusão do conservadorismo do século XVIII com o neoconservadorismo ou conservadorismo do *laissez-faire* (liberalismo do século XIX).

Para que possamos atingir o objetivo proposto, estudaremos as suas características, manifestações principais, bem como seu impacto na política externa dos EUA e os reflexos conseqüentes nas relações internacionais e, especialmente, sobre o Brasil.

A fim de que melhor possamos entender o que seja a "Nova Direita", anteriormente à proposta acima, veremos, sucintamente, como evoluiu e o que significou, em períodos de tempo diferentes, o conservadorismo americano.

DESENVOLVIMENTO

Conservadorismo — Um breve enfoque de sua evolução e significados nos EUA

Para que se tenha uma idéia inicial da evolução e do significado do conservadorismo nos EUA, após meio século, a ascensão do Presidente Reagan ao poder instaurou a primeira administração que reivindicava, realmente, o nome de conservadora, suscitando uma nova e real atenção, despertando o interesse pelo movimento conservador. O Partido Republicano descobriu, então, um papel que não desempenhava desde a vitória de Franklin Roosevelt, em 1932, ou

seja, o de substituir o liberalismo do *new deal* (neoliberalismo) com grande aura de credibilidade.

É preciso ter em mente que, de maneira geral, seria um erro considerar os termos republicano e democrata como sinônimos, respectivamente, de conservador e liberal, pois existem republicanos liberais como também democratas conservadores.

Entretanto, a disputa pelo Governo, entre Carter e Reagan, foi interpretada como um enfrentamento entre liberalismo e conservadorismo, e a vitória do candidato do Partido Republicano foi saudada, em todo o mundo, como um triunfo de um novo movimento conservador, contando com grande apoio popular.

O termo "conservador" não teve sempre, nos EUA, o mesmo significado. Após a derrota dos "tories" (realistas), aliados dos ingleses durante a guerra de independência americana, rompeu-se o tênue fio que possibilitava a transmissão do conservadorismo do Velho Mundo para o Novo Continente. Os ensinamentos de Edmundo Burke e as reflexões sobre a revolução francesa somente um século mais tarde seriam considerados por um pequeno grupo de intelectuais, todavia sempre marginalizado.

No período seguinte, até a Guerra de Secessão, o termo "conservador" denominou, simplesmente, os defensores da Constituição, diferenciando-os dos chamados "radicais", os extremistas abolicionistas.

Após 1865, o termo "conser-

vadorismo" passou a designar uma atitude de resistência aberta aos movimentos de transformação econômica, social, cultural e política, tais como a reconstrução do Sul, o populismo, o progressismo, o intervencionismo e, finalmente, o *new deal*.

Com o *new deal*, após 1930, o conservadorismo tomou o nome de "neoconservadorismo" e se caracterizou pela adoção dos conceitos liberais do século XIX em oposição ao neoliberalismo, partidário, desde então, da intervenção maciça do Estado federal no meio privado a fim de prevenir e gerir as crises econômicas e diminuir os desequilíbrios sociais.

Os neoconservadores constituem, de 1930 a 1970, um verdadeiro "partido de resistência" ao "partido do movimento" (neoliberais), o qual presidiu as grandes mudanças na máquina política e econômica do País.

O período é rico no surgimento de movimentos radicais, tidos como extremado conservadorismo ou extremado neoconservadorismo, fundamentados em fatores étnicos, raciais, religiosos e, após a II Grande Guerra, também econômicos e político-ideológicos.

Dentre estes, podemos citar o da Ku-Klux-Klan, contrário às minorias raciais, à industrialização, à modernização, aos imigrantes e favorável à ortodoxia e submissão religiosa, tudo visando à defesa da posição dos brancos, da classe média e inferior da América protestante e para preservar o seu status econômico, social e político num mundo em modificações.

O movimento do padre Coughlin, entre 1928 e 1940, cujos alvos eram as principais elites e instituições americanas e que apresentava características semelhantes às do nazismo e do fascismo, fundamentava seu programa no antielitismo, anti-semitismo, antiliberalismo, anticapitalismo, anticomunismo e sugeria uma nova ordem social e a revisão da Constituição. Apoiava-se na classe média rural e de pequenas cidades, tendo grande penetração entre católicos e desempregados.

Na década de 50, o senador Joseph McCarthy conseguiu mobilizar ampla parcela da opinião pública contra os comunistas e seus simpatizantes, entre os quais incluía os neoliberais. Foi a época do "grande medo", quando expurgos indiscriminados de "criptocomunistas" aconteceram no Governo federal, universidades, no Exército e sindicatos. A "conspiração dos comunistas" contra os EUA, preconizada por McCarthy, era uma noção que satisfazia aos conservadores, de modo geral, e os atraía por acharem que a posição dos EUA estava ameaçada.

Durante os anos 60, a sociedade americana conheceu uma profunda transformação, na qual a emancipação dos negros foi o elemento mais marcante. Esta transformação coincidiu com a procura de valores tradicionais, religiosos, morais, sociais e nacionais de uma América engajada numa guerra impopular — Vietnã — aliás, começada sob o governo neoliberal de John Kennedy.

Desenvolveu-se, então, um mo-

vimento de conservadorismo social e cultural, um conservadorismo provinciano (*main street*), religioso e familiar (*god and mother*), pragmático e moderado (*middle-of-the-road*). Porém, a derrota americana no Vietnã e o escândalo "Watergate", fatos ocorridos sob o mandato de Nixon, que não colocou ao menos em discussão os fundamentos herdados do neoliberalismo e presentes em seu governo, fez com que este conservadorismo, já uma manifestação primeira de um novo conservadorismo, influenciado, em parte, pelos tradicionais conceitos de Edmund Burke, se retraísse sob a presidência de Jimmy Carter, um neoliberal sob todos os pontos de vista.

Na década de 70, entrando no ano de 1981, a crise social, iniciada na década anterior, prosseguiu e se agravou: drogas, problemas raciais e criminalidade crescente apareceram ao lado dos reveses da Nicarágua e do Irã e da falta de uma reação enérgica à invasão do Afeganistão pela URSS.

Esta situação serviu como "caldo de cultura" para o surgimento de vigoroso, efetivo e novo conservadorismo, composto fundamentalmente por três grandes correntes. Este, denunciando a degradação da moral e dos costumes, a destruição do tecido social, a asfixia do sistema econômico em recessão, a perda de prestígio do país em escala internacional e a superioridade militar da URSS, conseguiu a eleição de Ronald Reagan. Estas correntes denominam-se:

— *Direita Tecnocrática*: dela

fazem parte especialistas em economia que apresentam, como traço comum, o questionamento das concepções econômicas neoliberais na sociedade norte-americana, declarando obsoleto o esquema keynesiano baseado na ativa intervenção do Estado na economia.

Apresenta duas linhas de pensamento principais e diferentes. Uma mais importante, a "monetarista" ("velha ortodoxia conservadora"), centrada na luta antiinflacionária e na liberalização do Estado, afirmando que a inflação deve ser considerada um fenômeno estritamente monetário, o que faz do controle da oferta monetária o principal elemento da política econômica. Pelo controle, busca-se a redução da oferta monetária e a eliminação das pressões inflacionárias, em função de uma modificação das expectativas.

A outra, conhecida como *supply-side economics* (teoria da oferta), ou, ainda, "nova ortodoxia conservadora", considera que o desconhecimento das condições de oferta é a maior deficiência dos modelos macroeconômicos atuais. Acredita ser impositiva a manutenção de altas taxas de crescimento, cujo determinante principal é a alocação e o uso eficiente da mão-de-obra e do capital. Prescrevem baixas taxas de impostos e a introdução de medidas para o aumento do nível de competição da mão-de-obra e do mercado, bem como a erradicação das restrições governamentais. Estas idéias têm sido rotuladas, por opositores, de *reaganomics*.

Os economistas desta tendên-

cia são também chamados de "novos economistas".

— *Neoconservadorismo Histórico*: influenciado pelo conservadorismo de Edmund Burke, apresenta-se como uma solução para a deficiência da democracia liberal em congregar liberdade individual com igualdade social e participação política.

Dentro do novo movimento conservador, ocupa uma posição central. Seus integrantes são considerados mais acessíveis que os especialistas da "direita tecnocrática" e mais intelectualizados do que os pertencentes à "nova direita". "Eles conseguem unir todos os elementos do discurso antiliberal numa ideologia atraente, coerente, e cujos temas são suscetíveis de orientar o debate nacional." (Afirmção de Oliver Frayssé em *La Documentation Française — Problemes Politiques et Sociaux*, junho/82.)

Entretanto, para seus opositores, o neoconservadorismo histórico é fruto da retórica política de Burke e do suporte sociológico de Augusto Comte, dando origem "a um exército 'contra-intelectual' que procura esvaziar os políticos com idéias em nome da estabilidade, refrear as aspirações democráticas em nome da serenidade administrativa e conquistar a ideologia em nome da ciência social". (Lawrence Goodwyn — Estado de S. Paulo, out/79.)

O discurso eleitoral de Reagan muito se identificava com o preconizado pelos neoconservadores históricos, que têm participado, através de alguns elementos repre-

sentativos da corrente, de sua administração.

Os neoconservadores históricos, em geral, não se mostram totalmente hostis ao "Estado benfeitor", mas censuram a excessiva ênfase na assistência social que constitui a origem da sobrecarga suportada pelo Estado, à qual provoca crises de autoridade, ameaçando a estabilidade social. Os neoconservadores históricos afirmam que o sistema democrático é, em grande parte, responsável por dita sobrecarga ao tentar atender às demandas em busca da igualdade social. Segundo Daniel Bell, a "teoria da igualdade" põe em perigo o verdadeiro ideal de igualdade, cujo objetivo não é a "igualdade de resultados", mas uma igualdade de oportunidades, dependendo o resultado do talento e da habilidade de cada um.

Assim raciocinar, sem dúvida, é aceitar e justificar as desigualdades sociais existentes, o que é próprio do conservadorismo de Burke.

Para os neoconservadores históricos é necessário limitar a participação política e entregar as decisões a quem tem competência específica. É a reedição moderna da representação virtual.

Peter Steinfelds, em seu livro *The Neoconservatives* (1979), diz:

"Para os neoconservadores, a democracia não parece diferir muito daquela que os membros da Convenção Constitucional de 1787 entendiam por uma república: um governo cujos poderes provêm, em última instância, da aquiescência do povo, mas que exerce ditos po-

deres através de delegados que o representam e que operam dentro de um marco constitucional que preserva o tipo de liberdades enumeradas na carta de direitos".

Os neoconservadores históricos, além de preconizarem a limitação do campo de intervenção estatal, preconizam também a restauração do papel regulador do mercado.

A "Nova Direita": "passaremos a examiná-la nos próximos itens como tema central do nosso trabalho.

A "Nova Direita" – fontes e características ideológicas

Segundo alguns autores, a ideologia da "Nova Direita" é confusa e por vezes contraditória, porém sabemos que uma ideologia não precisa ser racional para cumprir, entre as suas chamadas funções sociais, as de mobilização, solidariedade e organização, levando, aqueles que a aceitam, à ação. Assim, a ideologia da "Nova Direita" desperta a atenção e a adesão de uma ampla parcela, principalmente de inconformados, da população norte-americana.

Ela proporciona a superposição de símbolos e explicações de razões que deram origem a situações inadequadas e a maneiras de corrigi-las. Incorpora elementos tradicionais da cultura americana dominante e de suas diversas subculturas regionais, religiosas, étnicas e de classes e, também, as formas com que estas subculturas se relacionam através da cultura de massas. É, basicamente, resultante

de uma fusão de idéias provenientes do conservadorismo do século XVIII e do conservadorismo do *laissez-faire*, ou neoconservadorismo. Instrumentaliza idéias e símbolos, utilizando-se, intensamente, dos meios de comunicação social.

Dentre os símbolos usados, a família e o livre mercado são considerados uma herança cultural dos EUA.

A família é reconhecida como o berço do homem heróico, produto de seus próprios esforços, auxiliado pela mulher capaz de todos os sacrifícios. A marcha para o Oeste, abrindo novas fronteiras produtivas, sob constante perigo, mostra um povo americano no qual a combinação da estabilidade familiar com o dinamismo econômico é fator fundamental para o sucesso da nação, independentemente de qualquer intervenção do Estado.

Contraopondo-se a essas imagens tradicionais e engrandecedoras da América e do povo americano, existem imagens de um Estado intervencionista, de mulheres e negros em busca constante de auxílios governamentais e de indivíduos com moral decadente.

As formas, segundo as quais a "Nova Direita" concebe as forças que afetam negativamente a América e seu povo, variam. Os termos "humanistas seculares" e "nova classe" revelam temas comuns, de diversas tendências e grupos, aos quais a "Nova Direita" se opõe, unificando "o inimigo".

A falta de detalhes nos símbolos e imagens e o caráter abstrato dos mesmos é próprio do uso

que a "Nova Direita" faz da tradição. Isto se torna funcional na medida em que permite aos indivíduos de diferentes classes, subculturas, regiões e religiões, introduzirem o detalhe a partir de suas experiências mais significativas, identificando símbolos e imagens concordes com suas próprias visões da realidade. Por exemplo, quanto a imagem familiar, ela é mostrada apenas em seu núcleo. No entanto, esta indefinição é que proporciona às pessoas das periferias — trabalhadores urbanos, brancos do meio rural, católicos e protestantes — um enfoque de suas famílias à imagem da família exaltada na ideologia da "Nova Direita".

A ideologia da "Nova Direita" se vale não só de conceitos do conservadorismo de Burke, que valoriza a tradição, a propriedade da terra, a autoridade patriarcal, a hierarquia social e a religião, definindo uma sociedade essencialmente pré-capitalista e promovendo uma visão orgânica da mesma (na qual "o todo" é mais importante que o indivíduo), como também incorpora conceitos do conservadorismo do "laissez-faire" ou neoconservadorismo, caracterizado pelo capitalismo competitivo, economia mercantil e liberdade individual em oposição à intervenção estatal e à economia planificada, possibilitando uma óptica atomizada da sociedade, na qual o indivíduo e os direitos individuais estão acima das restrições sociais.

É através do chamado "fusionismo" que a ideologia da "Nova Direita" consegue unir esses dois

enfoques radicalmente diferentes. E o faz por meio da seleção das características de cada corrente que sejam compatíveis entre si, descartando as menos assimiláveis, designando os inimigos comuns e "salvando o rigor metodológico".

Dentro do atual contexto, a defesa da família e a oposição ao Estado representam as formas em que as correntes se fundem, retórica e simbolicamente.

É preciso ter em mente que o "fusionismo" coloca a "Nova Direita" contra o "Estado liberal benfeitor", mas não contra o Estado-Nação militarista. O Estado-Nação expressa a unidade do "povo", enquanto o "Estado benfeitor" redistribui a riqueza, reconhecendo com isto a "natureza de classe" da sociedade (conceito marxista).

A ideologia da "Nova Direita" é abrangente, pois busca unificar, em um só bloco, pessoas provenientes dos diversos extratos sociais, mas é a classe média que não constitui sua base principal. Os membros da chamada "nova classe" são excluídos deste bloco social em razão da utilização que fazem do Estado em benefício de grupos marginais, tornando-a, também, excludente.

Os grupos sociais e políticos que são considerados como uma ameaça à imagem familiar e do "povo" americano, como os negros, estrangeiros, feministas, libertinos sexuais, homossexuais e comunistas, bem como os defensores do aborto e outros mais, também são excluídos do bloco

social. A retórica religiosa da ideologia reforça a apresentação de tais grupos e indivíduos como "agentes do demônio, atores ilegítimos no cenário da história".

A "Nova Direita" não aceita a igualdade e a participação política como o faz a democracia liberal.

Para a "Nova Direita" as diferenças ou desigualdades sociais são sinônimos de liberdade, ao passo que igualdade é sinônimo de totalitarismo. Por isso mesmo, também é partidária de uma moderação na valorização da participação política, pois a desigualdade deve gerar votos também desiguais.

A ideologia da "Nova Direita" suprime as distinções de classe e ressalta as diferenças sociais como critério primordial para a exclusão ou inclusão de grupos dentro do seu conceito de "povo". Para a "Nova Direita" as concepções religiosas e tradicionalistas americanas estão unidas entre si, defendendo o livre mercado, a liberdade individual e justificando as desigualdades sociais.

Entretanto, apesar de reconhecer o aspecto material e econômico da natureza humana no que tange ao exposto, considera sempre a primazia de sua dimensão espiritual e moral.

Organização e principais manifestações da "Nova Direita"

A "Nova Direita" desenvolveu-se, inicialmente, como uma corrente de opinião política e cultural, na década de 60 e começo da de 70, antecedendo à excelente

organização alcançada em 1974, dotada de coerência ideológica e com objetivos a atingir delineados, embora com opiniões contrárias.

O racismo foi o principal aspecto explorado durante o seu surgimento, sendo, ainda hoje, fator importante para o sucesso de suas manifestações públicas.

Na campanha do Presidente Nixon, em 1968, apareceram as vinculações entre a reação racista, a crescente oposição à política oficial, o ressentimento contra a autoridade e a deserção eleitoral das fileiras do Partido Democrata. A campanha de 1968 esteve impregnada da noção de uma maioria de patriotas dedicados ao trabalho, moderados e respeitosos da tradição, revoltados com os favorecidos pela assistência social, com os pacifistas, com os *hippies*, com os militantes negros e com a violência de rua. A ênfase da campanha estava na exaltação da lei, da ordem e do patriotismo, em relação aos "interesses" reunidos no Partido Democrata. As autoridades, os neoliberais e os denominados "radicais da cultura" foram chamados, pejorativamente, de "elite".

A existência da "Nova Direita", na política eleitoral, se fez possível após o aparecimento (década de 60 e início dos anos 70) de movimentos independentes e voltados, especificamente, para a defesa de questões particulares, mas que desenvolviam um trabalho dinâmico, dando vida a esse sentimento de reação, catalisado e explorado por políticos conservadores como Barry Gold Water,

George Wallace, Nixon, Gordon Humphrey etc., principalmente em época de eleições.

Esses movimentos incluíram grupos locais opostos às medidas oficiais destinadas a eliminar a segregação racial nas escolas e criados em meio à década de 60; incluíam, também, esforços locais e nacionais contra a educação sexual (68/69); englobavam a campanha antiaborto, iniciada no final da década de 70 e revigorada, após 1973, depois da legalização da prática abortiva, como também a mobilização anti-*Equal Rights Amendment*, lei pela igualdade dos direitos, com início em 1972, e as campanhas contra o homossexualismo, estas a partir de meados da década de 70.

Ainda que alguns movimentos fossem mais antigos, os aspectos sociais — raça, sexo e família — orientaram tais movimentos, como aos criados mais tarde, para um conservadorismo social, complementado por um conservadorismo econômico e forte sentimento anticomunista.

Os novos movimentos deram ressonância, continuidade e dinamismo à velha retórica, enfatizando a preocupação com a perda de controle sobre a vida cotidiana, o crescente poder e independência das mulheres, a ascensão da cultura negra e da juventude, a liberação sexual e as modificações na vida familiar.

Por volta de 1974, Richard Viguerie, Paul Weyrich, Howard Phillips e John "Terry" Dolan, em busca da concretização dos ideais desses diversos movimentos, o que

não seria possível sem o controle do poder, iniciaram a centralização e coordenação dos diferentes grupos e movimentos sob a "Nova Direita"; "nova" por apresentar maior pragmatismo, maior ambição de poder e por dar mais ênfase à temática social e religiosa do que qualquer outra tentativa anterior.

Para isto, foram fundadas quatro organizações centrais.

Paul Weyrich deu origem ao "Comitê para a Sobrevivência de um Congresso Livre", organização para ações políticas e de grande êxito. Provê fundos para candidatos da "Nova Direita" e realiza a formação de quadros. É especialista, também, no desenvolvimento de organizações a nível de distritos eleitorais.

Criou, igualmente, a "Fundação Heritage", fonte ideológica da "Nova Direita", divulgando suas idéias através do *Policy Review*.

Howard Phillips organizou o "Comitê Político Conservador" (*Conservative Caucus*) com o propósito de exercer pressão sobre os membros do Congresso. Conta com mais de 300.000 militantes, operando em mais de 50% dos distritos eleitorais. Em cada distrito há um coordenador e um comitê diretor com cerca de 40 ativistas provenientes das organizações existentes no distrito, as quais podem tratar, distintamente, de problemas tais como: aborto, segregação racial, impostos, controle de armas etc.

Terry Dolan preside o "Comitê Nacional Conservador de Ação Política" (*National Conser-*

vative Political Action Committee — NCPAC), organizado desde 1975, sendo o maior dos comitês da "Nova Direita" de ação política. Destina milhões de dólares, através de contribuições diretas ou de outros tipos de ajuda, aos candidatos apoiados pelo NCPAC.

Richard Viguerie, por meio da sua empresa "companhia de correspondência direta", que lhe rende altos lucros, desempenha papel fundamental no financiamento e na propaganda da "Nova Direita", publicando a *Conservative Digest*, revista mensal da "Nova Direita", como também o *New Right Report*, boletim informativo quinzenal.

Os quatro acima mencionados têm funções de relevo em várias outras organizações comprometidas com a "Nova Direita".

As diretrizes e objetivos a atingir, a distribuição de fundos e a avaliação das atividades, passadas e presentes, são fruto de reuniões, de caráter regular, da direção central da "Nova Direita" — os acima citados e mais duas dezenas de membros de organizações integrantes da rede do movimento.

Os dirigentes da "Nova Direita", além de explorarem temas sociais, não se esqueceram do potencial, para o incremento do movimento, que representa a tradição religiosa de parcelas do povo americano.

Numa das publicações do *The New Right*, Richard Viguerie afirma textualmente:

"Existem aproximadamente 85 milhões de americanos (50 milhões de protestantes de fé renova-

da, 30 milhões de católicos de moral conservadora, 3 milhões de mormons e 2 milhões de judeus conservadores e ortodoxos) para formar uma coalizão pró-família seguidora da Bíblia."

Assim, a "Nova Direita", a partir de 1979, com a criação das organizações "Voz Cristã", "Maioria Moral" e "Mesa Redonda Religiosa", incorporou os principais oradores fundamentalistas com programas no rádio e televisão e que já haviam mobilizado a opinião pública em função de temas políticos.

O movimento expandiu-se com esta união, pois não só os fundamentalistas coincidem com a "Nova Direita" em muitos aspectos como também possuíam uma visão geral conservadora e contavam com grande apoio financeiro dos fiéis.

A maior dessas organizações é a "Maioria Moral", espalhada por todo o país e estruturada para a atividade eleitoral.

Interessante ressaltar que tais organizações realizam um trabalho de massa, organizando e conscientizando as pessoas de credos diferentes, produzindo o chamado "ecumenismo invertido", pois, independentemente da crença religiosa, em presença de questões políticas, as divergências teológicas submergem. Isto vem dando lugar ao aparecimento de uma religiosidade sem denominação, mas que vem sendo explicada, explorada e incentivada, como uma expressão de americanismo, pela "Nova Direita".

Esta estruturação em rede na-

cional da "Nova Direita", englobando movimentos e grupos diversos, com editoras e centros de estudos, formação de quadros dirigentes e de ativistas, recrutamento de militantes, uso intenso da propaganda com temas sociais e religiosos e grande disponibilidade de fundos, vem, paulatinamente, conquistando parcelas da população americana, tendo contribuído, significativamente, para a eleição do presidente Ronald Reagan, cujo discurso incluía muito da retórica da "Nova Direita".

A "Nova Direita" e a política externa americana; reflexos nas relações internacionais de poder e repercussões sobre o Brasil

Com a ascensão da administração Reagan ao poder, as idéias, principalmente as dos "neconservadores históricos" e da "Nova Direita", conformaram a base ideológica sobre a qual se estruturou o novo programa de política externa americana.

Esta, como não poderia deixar de ser, está intimamente vinculada à política interna e persegue, dentre seus objetivos, a recuperação da confiança e do orgulho nacionais, do poderio e da liderança americana a nível global.

Passado o primeiro mandato de Reagan, os estudiosos da política externa americana não vêem sinais de mudanças significativas, a não ser ligeiras alterações em favor de posições mais pragmáticas, nesta mesma política.

A "Nova Direita" compartilha do conceito que mostra a guerra fria dentro de um enquadramento ideológico do conflito de poder, o qual antagoniza os EUA com a URSS, de tal forma que fique claro que a base da política exterior deva ser o choque com o comunismo encarnado pela URSS, pois, entre o sistema socialista, liderado por esta última, e o capitalismo norte-americano, se desenha uma inevitável e excludente confrontação de civilizações.

Esta óptica também se fundamenta em afirmações básicas da ideologia da "Nova Direita" e que são traduzidas pela defesa da família, da livre empresa e do Estado-nação militarista e por restrições e limitações ao "Estado benfeitor" e intervencionista, assim como pela luta que se trava entre o Bem e o Mal (neste, incluso o comunismo).

Esta visão ideologizada da guerra fria leva a um enfoque, na maioria dos casos simplista, da realidade internacional. A confrontação Leste-Oeste torna-se predominante, fazendo ignorar ou minimizar as dimensões de outros conflitos importantes e atuais como o Norte-Sul, que envolve o Terceiro Mundo e o Brasil. Uma das conseqüências é a atitude dos formuladores de política exterior americanos favorecerem políticas de força e tornarem prioritárias considerações estratégico-militares em detrimento das econômico-sociais.

Influência, também, da "Nova Direita", e que tem muito de sua componente religiosa, é a consideração, quase messiânica, de que as

idéias, valores e crenças do "povo" americano não são só de aplicação universal, mas as únicas capazes de gerar o progresso, a liberdade e a felicidade. É a antiga idéia da nação eleita por Deus para consumir a redenção histórica do mundo.

Quase como uma consequência imediata, os esforços encetados por países em desenvolvimento, no sentido de uma posição mais independente e não alinhada automaticamente com os EUA, são vistos, geralmente, como um antiamericanismo ou pró-sovietismo, ignorando um nacionalismo adulto na procura de caminhos próprios por parte desses países.

O Brasil, apresentando como seu grande problema atual um enorme endividamento externo e reivindicando uma maior atenção para o diálogo Norte-Sul, em busca da reformulação da ordem econômica mundial vigente ou, no mínimo, de um tratamento político para o encaminhamento da solução de sua dívida, sofre as repercussões negativas, quanto a esses propósitos, oriundas da política externa americana, não havendo perspectivas animadoras.

Em primeiro lugar, pela vigência indiscutível dos pressupostos básicos da posição dos EUA frente à problemática que envolve as negociações Norte-Sul: o sistema econômico internacional vigente é apto a resolver os problemas dos países do Terceiro Mundo; o desenvolvimento é uma questão essencialmente nacional.

Esta interpretação afasta as teorias que sustentam a responsabilidade que deve ser comparti-

lhada pelas nações industrializadas no tocante à situação de pobreza e subdesenvolvimento do Terceiro Mundo; traduz, também, que a raiz do problema se encontra na incapacidade dos governantes dos países da periferia em levar a bom termo seus planejamentos econômicos e não numa suposta injustiça das estruturas inerentes à ordem econômica mundial em vigor.

Em segundo lugar, pela vinculação estreita desta última posição com a política interna dos EUA de "menos governo, mais defesa" e de firme oposição a toda forma de intervencionismo ou dirigismo estatal.

Esta situação leva, no plano externo, a que o governo dos EUA não aceite as posições reformistas da ordem internacional e tampouco qualquer negociação, entre governos, do endividamento, uma questão dos banqueiros internacionais e do FMI. Como afirma William Leogrande: "... para os reaganistas que têm fé genuína na doutrina do *laissez-faire* do capitalismo do século XIX, a noção de que o governo dos EUA deveria atuar como um agente para a mudança social básica, seja no país, seja no estrangeiro, é filosoficamente reprovável".

O posicionamento brasileiro em relação ao tratamento que busca para sua dívida, assim como a visão que tem da atual ordem econômica internacional, gera uma área de atrito com o Governo americano, atrito por vezes intensificado, pois a política externa do Brasil se caracteriza por não adotar um alinhamento automático com

os EUA, reafirmando mesmo posições até divergentes, como no caso de Angola e Nicarágua, entre outras. Buscamos um caminho que seja o melhor para a nação, independentemente de soluções baseadas em crenças ou valores norte-americanos, derivadas de um messianismo inaceitável.

CONCLUSÃO

A "Nova Direita", sem dúvida, surgiu no início da década de 70, parte integrante de um novo movimento conservador, como uma reação política e cultural aos movimentos sociais e às políticas neoliberais dos anos 60, motivando parcelas da população norte-americana através de uma ideologia que, sobretudo, valoriza imagens e símbolos tradicionais, numa sociedade dinâmica e, por isso mesmo, propensa a modificações que, nem sempre, são consideradas positivas no que tange aos padrões morais e religiosos até então vigentes.

Assim, a "Nova Direita" se propõe a ser a expressão da defesa da família patriarcal frente a novas alternativas; da livre empresa capitalista face às opções socialistas e de assistência estatal; do Estado-nação militarista frente a seus inimigos internos e externos; se propõe, ainda, a encarnar a defesa do trabalho árduo e da virtude contra a lassidão moral e a liberdade sexual; dos brancos face aos negros; do papel dos homens frente à liberação das mulheres. Preconiza ações que levem à recuperação do prestígio e à afirma-

ção, cada vez maior, da liderança mundial dos EUA; adota um conceito de "povo" que exclui os negros, considerados moralmente inferiores e perniciosos à sociedade, como também exclui os comunistas e outras minorias, inclusive classificando-as como "agentes do demônio".

Ao contrário da democracia liberal, não reconhece a igualdade social como um ideal a perseguir, mas considera a igualdade de oportunidades e a conseqüente desigualdade social, esta fruto de talentos e habilidades diferentes, como características de sua democracia.

Seus líderes contam com uma rede de organizações a nível nacional, cada uma delas voltada, especificamente, para assuntos políticos, econômicos, sociais e religiosos, devidamente centralizadas, coordenadas e controladas. Esta rede atua na eleição de políticos, como o fez na eleição de Ronald Reagan, na formação de quadros dirigentes e na realização de intenso proselitismo com o uso dos meios de comunicação social e das igrejas aderentes.

A "Nova Direita" influencia na política externa norte-americana na medida em que esta última adota uma concepção de guerra fria ideologizada, tornando o confronto Leste-Oeste preponderante a tal ponto que qualquer outro, como o Norte-Sul, é tornado relativo.

Sua postura na defesa da livre empresa e na condenação do "Estado benfeitor" e intervencionista contribui para uma política exter-

na que não considera os reclamos para o estabelecimento de uma nova ordem econômica internacional por países como o Brasil, com elevado endividamento externo ou, ao menos, para um tratamento político da dívida.

A concepção que adota no que diz respeito ao fortalecimento do Estado-nação militarista a nível mundial, e a validade internacional, como salvação da humanidade, das crenças e valores norte-americanos, impõe para os países "amigos" um alinhamento incondicional com os EUA, o que não ocorre com o Brasil, que tem cada vez mais se caracterizado por um posicionamento pragmático e autônomo, e até mesmo divergente do Governo americano.

Apresentando uma ideologia, para alguns contraditória e confusa, para outros coerente e atraente, a "Nova Direita" mescla conceitos do conservadorismo de Burke (século XVIII) e do neoconservadorismo ou liberalismo do século XIX, valorizando aspectos tradicionais da sociedade norte-americana (fusãoismo).

Entretanto, é radical, principalmente, e entre outras coisas, ao conceituar "povo" de maneira a excluir negros e minorias diversas e ao incorporar ensinamentos religiosos fundamentalistas, elegendando a nação americana como a escolhida pela providência divina para a redenção da humanidade.

A "Nova Direita", ideologicamente, não é compatível com o poder em uma sociedade tradicionalmente pluralista como a dos EUA.

BIBLIOGRAFIA

- MACRIDIS, C. Roy — *Ideologias contemporâneas* — Ed. UnB — BSB — 1982.
- ARON, Raymond — *Estudos políticos* — Ed. UnB — BSB — 1980.
- DAHRENDORF Ralf — *As classes e seus conflitos na sociedade industrial* — Ed. UnB — BSB — 1982.
- WATKINS, Frederick e KRAMNICK, Isaac — *A idade da ideologia* — Ed. UnB — BSB — 1981.
- BENOIST, Alain — *Nova Direita nova cultura* — Ed. Afroditide — Lisboa — 1981.
- WALLICH, Henry E. — *O custo da liberdade* — Apec Ed. — Rio — 1960.
- BEDOY, Humberto G. e EZCURRA, Ana M. — *América Central y la estrategia de la nueva derecha norteamericana* — Centro de Investigacion y Accion Social — México — 1984.
- SUNDQUIST, James L. — *Dynamics of the party system — Alignment and realignment of political parties in the U. S.* — The Brookings Institution, Washington, DC — 1983.
- BURNHAN, Walterdean — *The current crisis in american politics* — Oxford University Press — New York — 1982.
- BORÓN, Antillis — *La crisis norteamericana y la racionalidad conservadora* — Cuadernos Semestrales — México — n.º 9 — set/81.
- DE LOS RIOS, Patrícia — *1984: realineamiento político en los EUA* — Cuadernos Americanos — México — n.º 1/85.
- WOLFE, Alan — *The limits of legitimacy* — Free Press — New York — 1977.
- FRIEDMAN, Milton — *Capitalism and freedom* — University of Chicago Press — Chicago — 1962.
- STEINFELDS, Peter — *The neoconservatives* — New York — 1979.
- GORDON, L. e HUNTER, A. — *Sex, family and the new right* — Radical America — nov/77 — Boston/EUA.
- MOUFFE, Chantal — *Democracia y nueva derecha* — Revista Mexicana de Sociologia — México — 1984.
- WOLFE, Alan — *Sociologia, liberalismo y derecha radical* — Revista Mexicana de Sociologia — México — 1984.
- BELL, Daniel — *The radical right* — Anchor Books — New York — 1964.
- BELL, Daniel — *The new american right* — Criterion Book — New York — 1955.
- NASH, George — *The conservative intellectual movement in America* — Harper Colophon Books — New York — 1979.
- MILES, Michael — *The odyssey on the ameri-*

can right - Oxford University Press - New York - 1980.
HUNTER, Allen - *Entre bastidores: ideologia y organización de la nueva derecha* - Revista Mexicana de Sociología - Uni-

versidad Nacional Autónoma - México - 83.
FRAYSSÉ, Olivier - *Le conservatisme n'est plus ce qu'il était* - Revista *Problèmes Politiques et Sociaux* - Paris - 1982.



Cel Art QEMA Marco Antonio Felício da Silva - Aspirante-a-Oficial de 1961, tendo os cursos da AMAN, EsAO, ECEME e o de Informações do Campo Externo/EsNI. Serviu em várias Organizações Militares, exercendo todas as funções inerentes ao Corpo de Tropã. Entre outras funções, foi instrutor do NPOR/JF/1º/4º/RO 105, na década de 60, e na AMAN/C Art, nos períodos de 70/71 e 73/74, e serviu no Gabinete do Ministro/CIE, no período de 1982 a 1984. Serve, atualmente, no Estado-Maior do Exército, na Seção de Estudos e Exames Estratégicos. Tem o curso de Administração de Empresa e Pós-Graduação em Ciência Política. Constam do seu currículo, trabalhos referentes à Estratégia e à Política.